

CAP. 2- O SENTIDO DA VIDA

QUAL É O SENTIDO DA VIDA?

- ✘ Russell – Qual é o significado do significado da vida?
- ✘ Para muitos filósofos o sentido da vida não seria “objetivo”, não seria o mesmo para todos.
- ✘ Niilismo – Acredita que o ser humano vive em direção ao nada, que é a morte, e que, portanto, nada faz sentido (negação de todos os valores).

-
- ✘ Hedonismo – o objetivo é buscar o que dar prazer e evitar o que causa a dor (Epicuro).
 - ✘ Busca pelo prazer guiado pela razão.
 - ✘ *Carpe diem*, “colhe o dia”, Horácio.

-
- ✘ Para a maior parte dos filósofos religiosos, a crença em um ser supremo pode trazer conforto à angústia do ser humano.
 - ✘ Schopenhauer – Uma visão pessimista. É necessária a existência de Deus, ou de algum fundamento último que dê valor as coisas para que a vida faça sentido. Para ele, Deus não existe, assim como não existe nenhum fundamento último que confira valor à realidade, conclui-se, assim, que a vida humana não faz sentido.
 - ✘ Sartre- A existência precede a essência, ou seja, aquilo que uma pessoa é, não é pré determinado. Primeiro existimos, depois adquirimos essência. E como somos livres, são nossas livres escolhas que definem essa essência. A vida tem o sentido que cada um lhe atribui.

CAP. 3 - MEMÓRIA E HISTÓRIA



NOSSA RELAÇÃO COM O PASSADO



- Podemos identificar, no Ocidente, duas formas principais de representação do passado coletivo:
- a memória (social ou coletiva) que busca no passado elementos para compreender a si mesma no presente;
- a história que se apresenta como uma representação formal do passado, baseada em uma análise crítica de suas fontes, de modo a apurar a verdade dos fatos.

A MEMÓRIA



- É uma totalidade dotada de sentido, através da qual podemos reconhecer nossa identidade individual ou coletiva.
- Refere-se ao passado com forte carga emocional e frequentemente sem rigor crítico.

A MEMÓRIA INDIVIDUAL - PLATÃO



- Para Platão, as sensações deixam “marcas” em nossa alma que podem ser comparadas com o conhecimento inato, que a alma traz de uma vida pregressa, em uma esfera superior.
- Assim, o conhecimento se daria por meio da recordação.

A MEMÓRIA INDIVIDUAL - ARISTÓTELES



- Para Aristóteles a memória associava-se a imaginação . Seria a capacidade que a alma humana tem de reter imagens e reconhecer no futuro algo já percebido anteriormente.
- Assim, a memória refere-se às percepções passadas.

A MEMÓRIA INDIVIDUAL - BERGSON



- Já Bergson, distinguiria a memória em dois tipos
- Memória-hábito – são os automatismos. De tanto repetir os mesmos gestos, acabamos repetindo de forma automática, muitas vezes sem nos dar conta disso.
- Memória pura ou espontânea – capacidade de reter e recordar eventos que podem ter acontecido uma única vez.

A MEMÓRIA COLETIVA - HALBWACHS



- Para Halbwachs, a memória se dá na relação que o indivíduo mantém com os grupos sociais que interage.
- Assim, a recordação não é simplesmente trazer a mente uma imagem vivenciada no passado, mas também uma reconstrução socialmente partilhada de experiências vividas por um grupo.

A HISTÓRIA



- A mesma palavra designa um objeto de estudo (as sociedades humanas no tempo) e o estudo desse objeto (a pesquisa e a escrita da história).

A HISTÓRIA EM VOLTAIRE



- Voltaire considerava imprescindível que o historiador empreendesse um exame crítico de suas fontes, sabendo separar os fatos das opiniões subjetivas.
- Para ele, o maior inimigo da história era a **fábula**, isto é, o discurso ficcional. Desta maneira, a história deixaria de ser o que é e se transformaria em mera fantasia, que entretém, mas não educa.
- Além de sua preocupação com a questão do conhecimento histórico, Voltaire procurava interpretar a história como processo.

A HISTÓRIA EM PAUL RICOEUR



- Para Ricoeur, mais do que ordenar cronologicamente os acontecimentos, o historiador deve relacioná - los, levando a uma visão de conjunto do contexto histórico. Construiu assim, um modelo de concordância/discordância a que chamou de **síntese do heterogêneo**.
- Para ele, a história precisa de uma narrativa para ordenar um passado que à primeira vista se apresenta como disperso e fragmentado.

AS IDEIAS EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA



- Ao interpretarmos os textos filosóficos do passado, de acordo com os acontecimentos e valores do presente, corremos o risco de não entendê-los bem. Esse é um erro muito comum chamado anacronismo.
- Para Skinner, o estudo da história do pensamento com base apenas na estrutura interna dos textos do passado incorre geralmente em três tipos de erros: a mitologia da doutrina, a mitologia da coerência e a mitologia da prolepse. Assim, ele defende a ideia de que o papel das ideias é recuperar as intenções primárias, o que o autor “realmente quis dizer”, sendo fundamental conhecermos o contexto em que o autor vivia.

AS IDEIAS EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA



- No entanto, nenhuma leitura é neutra e objetiva.
- Cassirer defende esse posicionamento, a medida que o estudo da história da Filosofia se faz com base em questões que o presente lança ao passado.